

# Classe AB vai crescer mais do que a C até 2014

*Desigualdade social do Brasil cai pelo 12º ano consecutivo, mas país ainda continua entre os mais desiguais do mundo*

■ Após o ingresso de 40 milhões de pessoas na classe C, no período entre 2003 e 2011, outros 13 milhões de brasileiros devem fazer parte da classe média até 2014, de acordo com a estimativa do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas). Já a classe AB, que ganhou 9,2 milhões de pessoas nos últimos oito anos, deve ter um aumento de mais 7,7 milhões em dois anos.

“Já vimos o crescimento forte da classe média. Agora, a classe que mais vai crescer é a AB. Até 2014, essa expansão será de 29,3%, enquanto a classe C crescerá 11,9%”, disse o economista da FGV Marcelo Neri.

Segundo a classificação do estudo, a classe A é aquela com renda superior a R\$ 9.745. A classe B tem ganho familiar entre R\$ 7.475 e R\$ 9.745. Já a classe C é representada por famílias com renda entre R\$ 1.734 e R\$ 7.475. A classe DE tem renda familiar inferior a R\$ 1.734.

**DESIGUALDADE/** A desigualdade social no Brasil entrou no 12º ano consecutivo de queda, segundo a FGV. O índice de

Gini (taxa medida entre 0 e 1, quanto mais próximo de 1, maior é desigualdade do país) chegou a 0,5190 em janeiro de 2012 ante 0,5377 em 2010. Em 2001, a taxa era de 0,5957.

“O Brasil está na contramão de sua história pregressa e de outros países emergentes e desenvolvidos. Estamos no menor nível de nossa história em termos de desigualdade. Mesmo assim, o Brasil continua entre os 12 países mais desiguais do mundo”, afirmou Neri.

A crise europeia, segundo o economista, não atingiu o bolso do brasileiro. Dados da pesquisa mensal de emprego do IBGE compilados pela FGV mostram que o crescimento da renda per capita foi de 2,7% entre janeiro de 2011 e janeiro deste ano. A taxa média entre 2002 e 2008 também tinha sido de 2,7%. Entre maio de 2010 e maio de 2011, a alta tinha sido de 6,1%. “Andamos muito bem debaixo das chuvas e trovoadas”, explicou Neri, ressaltando, no entanto, que o ritmo de crescimento da economia brasileira não foi tão forte por conta da crise nos países ricos.